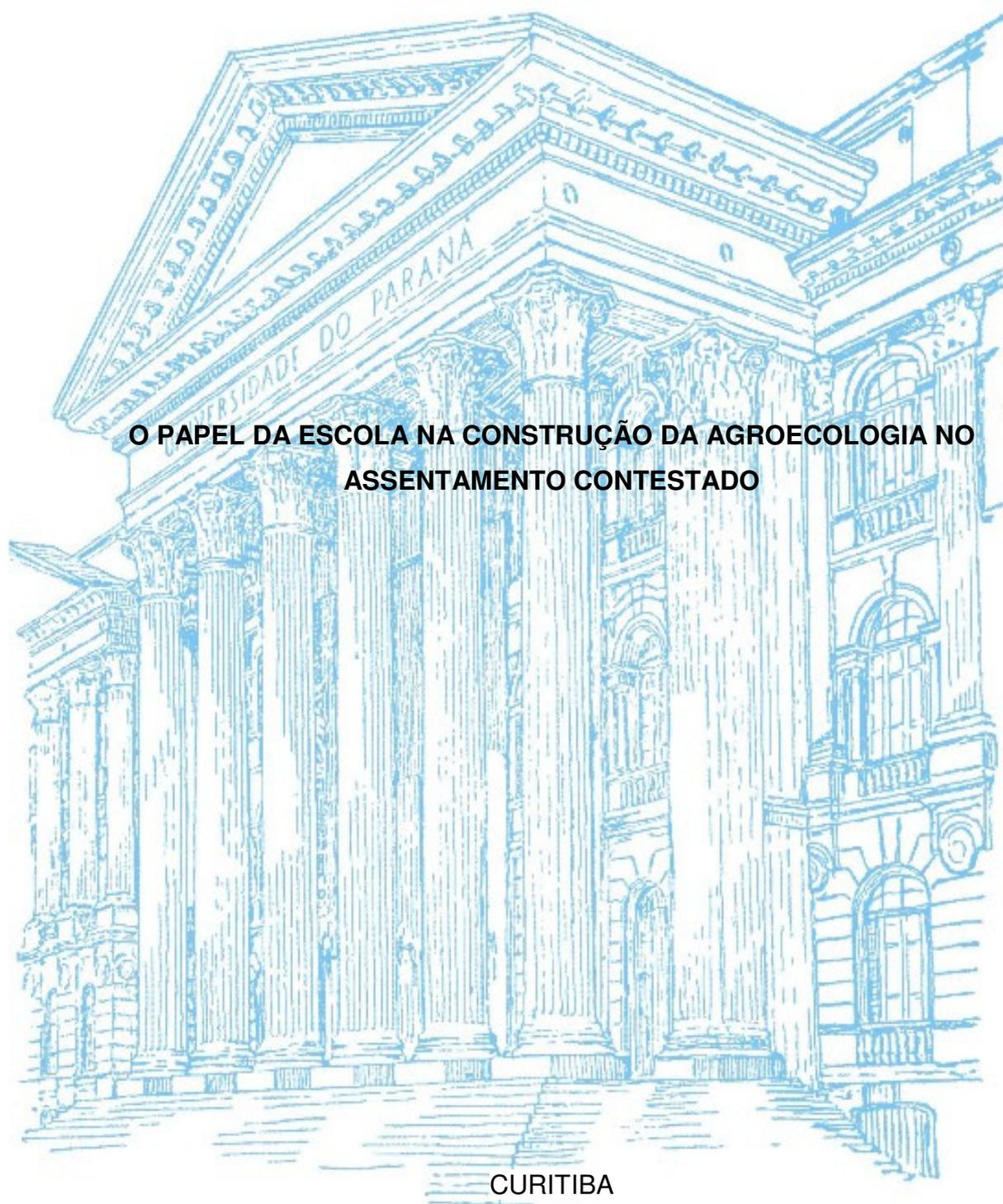


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA MARA MAIER

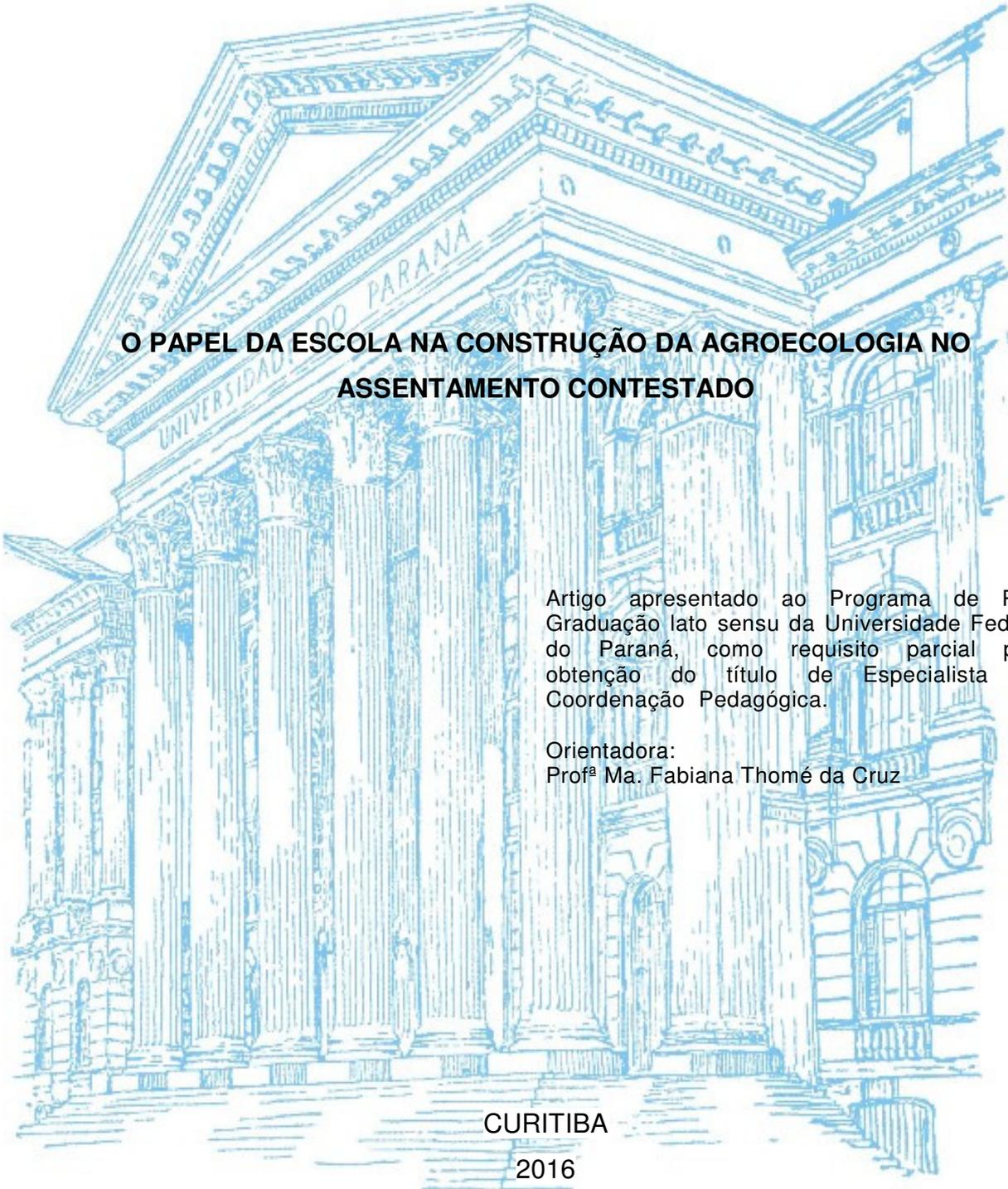


**O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA NO  
ASSENTAMENTO CONTESTADO**

CURITIBA

2016

SANDRA MARA MAIER



**O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA NO  
ASSENTAMENTO CONTESTADO**

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação lato sensu da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Thomé da Cruz

CURITIBA

2016

# O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA NO ASSENTAMENTO CONTESTADO

SANDRA MARA MAIER<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo traz presente as tensões, contradições e desafios bem como, algumas conquistas da construção de uma comunidade que se preocupa com seus sujeitos e seus direitos. Com foco na escola, sendo este um espaço de formação que a partir de uma concepção de educação progressista/ libertadora quer que essa realidade seja a base dos conhecimentos e do desenvolvimento humano. Discute o vínculo entre a prática pedagógica e a realidade vivenciada no Assentamento Contestado na construção da Agroecologia. Uma discussão que se dá em vários espaços e momentos que permeiam os dezessete anos do Assentamento Contestado – Lapa, na luta pela Educação do Campo e a Agroecologia. O trabalho é realizado como uma pesquisa-ação, já que a pesquisadora se insere neste contexto, sendo educadora e participante ativa de todo este processo.

**Palavras- chave:** Educação do Campo; Agroecologia; Movimento Social.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pela cursista Sandra Mara Maier, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, Email: [sandramara.mst@gmail.com](mailto:sandramara.mst@gmail.com)

## O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA AGROECOLOGIA NO ASSENTAMENTO CONTESTADO<sup>2</sup>

Faço parte de um Movimento Social, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e acredito que os Movimentos Sociais só se constituem nas sociedades onde não se garantem os direitos básicos de uma população, então se organizam pela necessidade.

Todo o processo vivenciado dentro dos assentamentos, desde a ocupação, se constitui como um processo de luta. Desde a terra, a escola, e outros direitos básicos, só obtemos através da organização coletiva.

No Assentamento Contestado, no qual moro e atuo como educadora há dezessete anos, compartilhamos deste processo de luta por direitos. Fomos coletivamente planejando e construindo esta comunidade.

Desde a sua constituição, esta tem colocada para si a intencionalidade de constituir-se num espaço onde as relações de produção, entre as pessoas e com o meio ambiente fossem diferentes. Diferente desta relação capitalista de consumo, destruição dos valores humanos e do meio ambiente.

Neste caminhar fizemos muitos estudos, seminários, debates, reuniões, cursos, visitas e outros. Para isso focamos na educação do e no campo e na agroecologia.

As ações foram sendo planejada ainda enquanto estávamos no acampamento. Definimos coletivamente o cuidado com o meio ambiente, a cooperação entre as famílias e a construção dos direitos básicos como escola, saúde, produção sem uso de agrotóxicos e o acesso a cultura e o lazer.

Parece uma discussão tranquila. Pois é a busca dos direitos, mas não tem sido. Para realizar este processo carecem decisões políticas, intencionalidade, diria, pedagógica, e pessoas que vão aprofundando os conhecimentos e fazendo o debate

---

<sup>2</sup> Optou-se por manter o artigo no formato narrativo, para assegurar a fluidez do texto.

junto as famílias. Uma trajetória bastante conflituosa, pois queremos ir na contramão da hegemonia.

As sociedades em si são mediadas por conflitos de poder permanentemente, disputam a hegemonia e as representações políticas e sociais. Às vezes há conflitos até antagônicos. Isso quer dizer que em qualquer sociedade vamos viver conflitos, precisamos aproveitar deles para crescer enquanto sujeitos na construção de uma sociedade com mais justiça e igualdade.

Para nós os dois pilares da educação e agroecologia tem sido intensamente discutidos e motivo de muitas e muitas discussões importantes e contraditórias. E intrínsecas a estes se agregam a saúde, a cultura, a comunicação e o lazer.

O Assentamento Contestado teve início no ano de 1999, em meio à discussão e preparação para o 4º Congresso Nacional do Movimento Sem Terra que aconteceu no ano 2000, de reorganizar os Assentamentos para sair da lógica do capital. Deixar de fazer a produção com grande dependência externa de insumos e ainda mais, organizar as moradias em agrovilas buscando assim a proximidade e a facilidade para estruturar estradas, luz elétrica e a parte social de escola, saúde, lazer e outros.

Se olharmos detalhadamente para trás iremos perceber enormes avanços, mas também deficiências e equívocos que nos cobram seriedade e nos alertam que não podemos mais errar. Por isso precisamos tomar providências em relação a diversos aspectos; a) Convívio Social; b) Cooperação Agrícola com a matriz da agroecologia; c) Acesso ao conhecimento; d) Embelezamento dos nossos espaços; e) Valorização da arte, esporte e lazer; f) Ações de Solidariedade; g) Cuidado com a Saúde; h) Divulgação e troca de experiências; i) Desenvolvimento estético; j) Registro Histórico. (Cartilha de Estudo, 2004, p. 15).

A partir destas definições que o Movimento toma, se dá nossa discussão e caminhada. Primeiro, a luta pela terra, trabalho, alimento e moradia.

Segundo, a escola, iniciada já nos primeiros dias de acampamento, com educadores voluntários que tinham formação em magistério, sem estrutura e sem

apoio da prefeitura, que dizia que não tínhamos direito à escola porque não éramos cidadãos lapeanos.

Ao mesmo tempo, vários debates e cursos no decorrer de vários anos e a pouco tempo cursos como de Agrofloresta pelo programa Pronatec em parceria com o Instituto Federal do Paraná e outros com várias entidades como Emater, Embrapa ou outras pessoas ou entidades que possuíam conhecimento na área da produção, para que houvesse uma mudança na matriz tecnológica. Pensar a agricultura a partir de uma nova concepção, do cuidado com o meio ambiente, com as pessoas e a preservação da flora e da fauna.

“A agroecologia aparece para o Movimento como necessidade, necessidade de vida, das famílias, dos territórios, nos assentamentos. Porque no final da década de 90, os assentamentos estavam desestruturados, se acabando, voltando a virar fazenda, perdendo o rumo em função do pacote de produção que estes assentamentos estavam inseridos, né, o endividamento com os bancos.”  
(Coordenadora Pedagógica)

Na Educação, houve a reação de algumas das famílias acampadas que não queriam a escola no campo, porque em sua visão, seria uma escola de má qualidade. Porque isso vem do imaginário social criado no camponês ao longo da história, que o campo é sinal de atraso. Então, não quero que meu filho passe pelo que eu passei e estou passando. A ideia de que os filhos tinham que estudar na cidade, porque lá tinha estrutura, era moderno e melhor.

Houve a discussão interna, necessária, para que construíssemos a ideia de que tínhamos direito a escola no campo, que poderia ter a qualidade se ajudássemos a pensar. E ao mesmo tempo, a partir da mesma discussão ir construindo Projeto Político Pedagógico para buscar junto aos órgãos públicos a implementação da escola que já estávamos construindo na prática, com as nossas próprias condições. Nossos educadores voluntários, mães merendeiras e com doações de materiais por amigos do Movimento.

Tivemos que estudar e muito, lendo e debatendo nos núcleos de famílias, isso de modo informal. Mas também buscamos a formação formal indo cursar graduação (eu e outra educadora nos primeiros anos, e mais tarde outras educadoras do próprio assentamento) em escolas e cursos do Movimento. Sem acesso ao conhecimento seja ele informal ou formal, acredito que não teríamos alcançado estas conquistas. Porque, além de fazer a luta, precisamos conhecer as leis, os direitos e construir novos conhecimentos. Por isso, há uma definição no Movimento que todos temos que estudar.

Podemos dizer hoje, que boa parte daquilo que planejamos na educação, já está em construção ou ainda com planejamento a curto e médio prazo de se concretizar.

Conquistamos a escola, sua estrutura física, no ano de 2012, e hoje temos a Educação Infantil ainda informal, com trabalho voluntário ou com pequena ajuda de custo às educadoras do próprio Assentamento.

O Pré I e Pré II a prefeitura assumiu este ano, com educadora contratada, e está sendo construída uma sala.

O Ensino Fundamental I é mantido pela prefeitura, o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio são vinculados ao estado.

Também temos dois cursos de graduação na Escola Latino Americana de Agroecologia: Tecnologia em Agroecologia, em convenio com o Instituto Federal do Paraná e, Licenciatura em Educação do Campo com Ênfase em Agroecologia, em parceria com a Universidade Federal do Paraná / Litoral.

Toda esta discussão é fruto do acúmulo que o Movimento vem fazendo sobre educação e a produção de materiais nos seus 32 anos de existência e a luta pela Educação no/do Campo, concebida pelas organizações do campo.

O surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu primeiro como Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de novembro de 2002, decisão

posteriormente reafirmada nos debates da II Conferência Nacional, realizada em julho de 2004. (CALDART, 2012, p. 258).

Tornar este um lugar de direito, presente em todos os aspectos da vida da comunidade. Com uma Educação que não é igual escola. E mesmo a escola que precisa ser mais que escola. Onde a produção, a saúde, as atividades culturais e esportivas, a economia deve estar toda em sintonia.

Entendemos que a construção de relações orgânicas entre as escolas do campo e processos de produção agrícola fundamentados na agroecologia integra o desafio da Educação do Campo de firmar práticas avançadas, vinculadas à vida e à complexidade de suas questões, além de contribuir no combate ao agronegócio e à lógica social destrutiva de que ele é parte (CALDART, p.1, 2016).

Assim vamos estruturando o campo e a Educação do Campo como possibilidade de trabalho, de estudo, onde as pessoas se tornem sujeitos da transformação. Pensando o campo como um espaço de realização da vida, tirando a imagem do atraso.

A realidade que produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas públicas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, e a educação que seja no e do campo, os movimentos sociais interrogam a sociedade brasileira: porque em nossa formação social os camponeses não precisam ter acesso à escola e a propalada universalização da educação básica não inclui os trabalhadores do campo? (FRIGOTTO, apud CALDART, 2012)

A escola neste sentido tem papel importante, vai ser intermediadora da conscientização através do acesso ao conhecimento sistematizado pela humanidade, tornando o educando sujeito da aprendizagem e da história, relacionando o conteúdo a sua realidade. Ou alienadora, sendo uma escola conteudista que preza pela técnica sem a discussão da realidade vivida pelos trabalhadores.

A escola vai deixando de ser vista como uma dádiva da política clientelista e vai sendo exigida como um direito... Essa reeducação da cultura política

que vai pondo a educação e a escola popular na fronteira do conjunto dos direitos humanos. (ARROYO, 2003, p. 30)

O momento exige de nós uma ação de transformação. Estamos numa sociedade onde não se valoriza o ser humano e a natureza, tudo tem um preço, virou mercadoria, inclusive as pessoas. A escola como reprodutora deste sistema não é diferente, o que são as avaliações, onde o banco mundial está “ajudando” a discutir, um ranking que segrega, coloca-nos numa rede de competição.

Para que serve o sistema educacional - mais ainda, quando público -, se não for para lutar contra a alienação? Para ajudar a decifrar os enigmas do mundo, sobretudo o do estranhamento de um mundo produzido pelos próprios homens? (...) Uma sociedade que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em Shopping centers, funcionais à lógica do consumo e do lucro. (MÉSZAROS, 2005, p. 16:17 )

Na situação que vivemos neste sistema que prioriza e financia o agronegócio, que produz através do sistema de monocultivo, poucas variedades e em grandes áreas e com uso elevado de componentes químicos tóxicos ao solo e ao próprio alimento.

A escola precisa cumprir sua função social de educadora de sujeitos, de aprofundar os conhecimentos que a humanidade já acumulou e sistematizou e que estes tenham como principio o desenvolvimento de um ser humano pleno, com condições de contribuir nas transformações que a sociedade precisa.

Não se deve pensar que o trabalho social é uma ilustração ou uma forma de fixar os conhecimentos transmissíveis. Não é correto. A essência não está aí. O essencial consiste em que a escola faça realmente um trabalho socialmente necessário, o essencial consiste em que o conhecimento que a escola dá que é necessário, seja realmente útil nestas condições; o essencial é que a expansão e aprofundamento destes conhecimentos sejam ditados não apenas por considerações abstratas, mas pela prática real; consiste em que os conhecimentos sejam imediatamente convertidos em prática, definindo-se, concretizando-se; o fato é que uma, um pedaço de vida empurra para o estudo do todo (SHULGIN, 2013, p. 67).

Começar com os pequenos, com os jovens, com pequenas ações e discussões pode ser o começo de uma transformação social. É construir desde agora sujeitos conscientes, pois a sociedade é gestada pelas pessoas que nela vivem, por isso passível de mudanças.

“Então, se durante toda a vida escolar a gente pudesse ir debatendo esses temas e até a própria questão da sustentabilidade da produção, da agroecologia... Seria um adulto que já teria consciência e prática, de saberes pra poder interagir nesse sistema e entender como ele...pra quando ele for agricultor, quando ele assumir uma parte do lote.” (Trabalhadora da Cooperativa)

A preocupação em construir um processo pedagógico que leve em conta a realidade vivenciada pelas crianças no Assentamento Contestado e no Movimento Sem Terra, ou ainda poderíamos dizer no contexto da escola do Campo, tem sido motivo de atenção. Pois muitas vezes:

A escola não sabe ligar os conhecimentos recebidos pelas crianças com a prática, com as necessidades do presente; mais do que isso, com o trabalho realizado pela criança (SHULGIN, p. 43).

E na escola isso deve ser permanente no papel do educador, do educando/a e dos coordenadores, temos que praticar diariamente outra experiência pedagógica visando a construção de uma sociedade mais humana, e que a materialidade da vida seja também a escola.

A realidade do Assentamento tem presente essa construção da agroecologia, mesmo que em meio a muitas contradições.

“A agroecologia foi sempre, digamos assim, o objetivo, o objetivo do assentamento, de produzir alimentos mais saudáveis, desde o início, né. Desde a ocupação. E de início as pessoas reclamavam muito de não ter formação, não saber como fazer dentro da agroecologia, e pra isso o assentamento foi atrás de muitas... De muitos

curiosos e de muitas questões, assim, muitas experiências, muitas visitas, pra que as pessoas fossem aprendendo como fazer o processo agroecológico. Nesse processo vieram várias experiências, foram vistas várias experiências de fora e vieram experiências pra cá, como mandala, como agrofloresta, formas de adubação.”(Diretora da escola)

Presente nas discussões, estudos e na prática das famílias do Assentamento Contestado, a produção com base na agroecologia iniciou com pouquíssimas famílias que conheciam um pouco sobre produção orgânica, inclusive obtiveram o apelido de “a família dos orgânicos”; e foi gradativamente sendo concebida pelas demais, chegando a atingir mais de setenta famílias hoje, das cento e oito que são assentadas.

“Ao mesmo tempo, que nesse processo de construção de quase dezoito anos de assentamento, a agroecologia também em alguns momentos ela vai se tornando uma... uma matéria tão grande de concepção de debate que ela se torna um termo... Um paradigma dentro do próprio assentamento. Porque apesar de muitas vezes a gente ter um olhar de “há não, é só da produção”... Não! Não é só da produção, é de percepção de mundo, das pessoas que vão se apropriando desse termo. Tanto pra defender, ou pra ser contra, porque ele não é só um contra ou a favor da agroecologia. Ele se coloca numa posição contra uma certa posição que o Movimento vai tomando. Que tá pra além da agroecologia, que é a posição de retomar a cooperação, que é a posição de retomar novas relações, que é a posição de um novo método de organização. E isso não é fácil para as pessoas compreenderem.”  
(Coordenadora Pedagógica)

De certa forma, este debate atinge até mesmo aquelas famílias que não concordam e não desenvolvem nenhum trabalho ligado a agroecologia.

No debate político é uma discussão que o Movimento vem fazendo em seus espaços a mais de dez anos, então, as famílias sabem do debate e até compreendem que é importante em relação à saúde, ao meio ambiente e até a alimentação. Claro que gera tensões, inclusive quando se debate isso na escola. Valorizam o aprendizado, questionam e apresentam suas razões, como diz a mãe de uma educanda:

“A questão do alface na bananeira é uma questão... A gente levou, aceitou numa boa, tranquilo, até porque a horta a gente... Não é uma horta convencional, é uma horta orgânica. A gente não planta horta convencional para nosso consumo. E daí a questão da alface foi... Foi uma questão que ela achou interessante, que ela achou legal por ser no tronco da bananeira, tá, foi legal pra nós também ter essa... Esse aprendizado novo e daí outra questão que foi nesta mesma época foi a questão de não... Não uma implicância entre convencional e orgânico, foi mais uma questão como se fosse um debate, alguma coisa assim no sentido de o bem que a agroecológico faz, o orgânico faz e o mal que o convencional faz e nessa época foi debatido isso na... Em sala de aula, e como nós somos convencionais, a professora conversou com todos os coleguinhas da minha filha na questão de agroecologia, que eles eram orgânicos, como que era, como que funcionava, se fazia bem pra saúde, o que que fazia mal... Ela chegou em casa e comentou com a gente e daí foi onde gerou conflitos, porque daí nós não gostamos, nem eu, nem meu marido, porque foi meio que uma discriminação por ela ser convencional, por ela fazer parte de uma família de convencional. Fui pra escola, conversei com a professora, chegamos a um acordo, uma conclusão, não teve briga, não teve nada. Só que

foi uma coisa assim que a gente ficou (entre aspas) sentido, magoado. Porque cada pessoa é livre.” (Mãe de uma educanda do 5º ano)

Como na educação, a agroecologia tem sido um processo que gerou e gera muitas contradições. É se contrapor ao capital. Por outro lado, não basta tomar uma decisão, precisa ser construído gradativamente, na medida em que as famílias vão se conscientizando através da prática e dos resultados que vão sendo evidenciados.

“A gente entende assim como uma perseguição entre orgânico e convencional, entre agroecologia e convencional. Só que se chega a um acordo, se é conversado, se é combinado, se é explicado, esclarecido, eu acho que é possível sim.” (Mãe de educanda do 5º ano)

O Assentamento é o universo da prática onde se desenvolve a Agroecologia com vários desafios. E na educação, ainda a relação entre instituição pública e um trabalho pedagógico que se pretende ir além de ensinar ler e escrever palavras, mas o mundo (Paulo Freire).

“Ah, eu acho que a escola tem que ser um complemento do que é a comunidade. Se a comunidade tem esse princípio da agroecologia, a escola tem que vim e contribuir com isso, né. O trabalho pedagógico tem que tá envolvido, tem que tá levando em conta sempre isso. Só que às vezes, nem sempre é tão fácil assim... Ano passado a gente fez uma mística, que retratava a questão do uso do veneno e como que isso ia parar até no leite, no leite das mães né, aleitamento materno, e uma mãe veio reclamar na escola que nós estava sendo... Fazendo um trabalho muito pesado, porque as crianças ainda não entendem isso, uma família que não produz dentro da agroecologia né, mas que a menina acabou indo pra casa e levou a família a refletir sobre isso.” (Diretora da Escola)

A discussão da Agroecologia na escola não é simplesmente para que os educandos conheçam outro modo de produzir. Mas uma contraposição ao sistema de monocultivo, exploração exacerbada dos recursos naturais e das pessoas, e ainda a imposição da transgenia e do abusivo uso de agrotóxicos que vem desenvolvendo sérios riscos a saúde da população.

Aproximar a Agroecologia das escolas do Campo integra este movimento de transformação social mais amplo e nos exige “nadar contra a maré” (CALDART, 2015, p. 1).

A vida dos educandos da Escola Contestado é permeada por toda esta discussão que se dá da Agroecologia, bem como suas tensões e desafios.

Ao trabalhar os temas em sala de aula sente-se a tensão da própria discussão que acontece no Assentamento. Um exemplo foi trabalhar duas palavras: SAUDÁVEL e CONTAMINADA, como tarefa de casa na turma de quarto e quinto ano, para verificar por intermédio de pesquisa e ou com os pais a definição que dão à estas palavras e fazer a pesquisa no dicionário. Com isso veio muito presente a discussão do posicionamento das famílias. E a tensão acontece também na escola quando se fala em produção agroecológica ou convencional.

“Se a gente pensa em processo, qualquer tentativa de aproximar agroecologia, de agroecologia ser algo vivo na escola, ela é fundamental, o que acontece, a gente esbarra nos conflitos, a gente esbarra na estrutura da escola, porque a própria agroecologia é um jeito novo de pensar o próprio processo de conhecimento. Nós precisamos entender esta estrutura de escola e agroecologia e como a gente rompe ela? E romper no sentido com capacidade de conhecimento, com ousadia, com coragem. É esse debate da alimentação saudável que está na sociedade e a gente precisa não pela agroecologia, podemos pegar ele? E a gente tomar isso como elemento direto. E não achar que o educador vai ser um super... Vai resolver tudo sozinho, né, se não for uma demanda maior também, ele não resolve

sozinho. Por isso tá ligado a intencionalidade, tá ligado ao coletivo, a decisão política. São várias coisas pra se fazer.” (Coordenadora Pedagógica)

Parece que é um problema, porque causa um desconforto na discussão entre os educandos, aí fica uma preocupação, o ato de estudar não teria que causar no sujeito a vontade de querer conhecer mais, buscar conhecimentos novos e não de fugir daquele assunto? Como pedagogicamente, pensamos em aprofundar os conhecimentos sem enfatizar estas tensões? Mudando o foco do assunto como propõe a coordenadora acima.

A escola do campo e as escolas do MST tentam ser mais do que escola. Pretendem integrar-se na dinâmica formadora do Movimento. Este põe a escola e a pedagogia em movimento e por aí elas retomam suas tarefas de origem: contribuir na formação de sujeitos sociais, os Sem Terra, os trabalhadores(as) do campo. Os educadores e as educadoras das escolas do campo vão descobrindo que são mais que alfabetizadores quando alfabetizam, mais do que ensinantes quando ensinam. Eles e elas fazem parte também de uma dinâmica social, cultural e formadora extremamente rica que dá às suas práticas novos sentidos (CALDART, 2015, p. 18).

A escola tem que ser mais do que escola, porque sai da estrutura da sala de aula, precisa lidar com a condição real da vida.

O educando precisa ser inserido de tal forma que compreenda que ele é parte e podem trazer sugestões, ideias para serem discutidas nas aulas.

“Se a gente consegue através da escola fazer este trabalho de ampliação, primeiro momento, um primeiro em que você trabalha com a criança o que é a agroecologia, abre isso na cabeça dela, com certeza é muito mais fácil. Eles são muito sérios com tudo isso.” (Mãe de educanda do 4º ano)

Ao mesmo tempo em que na escola é difícil trabalhar com esta realidade da agroecologia, é porque no próprio assentamento é um processo de transição e de construção. E que não é fácil.

“O Assentamento Contestado é um lugar onde a gente consegue vivenciar né,... É referência pra outros locais, outras pessoas que não moram aqui, nesta questão da agroecologia. Que tem muitas famílias que trabalham, já tem uma cooperativa que desenvolve um trabalho mais focado na agroecologia, tem muitas famílias que já tem certificado... Só que eu acho que ainda assim...Ainda...Aqui é muito presente isso, pra muitas pessoas a agroecologia acaba sendo uma técnica de produção, acaba sendo, além de ser só uma técnica de produção...Eu acredito que algumas pessoas se limitam à questão se estão adequadas ou não as normas da Rede Ecovida, né... Que a agroecologia...Eu acredito que isso mudou um pouco a partir do momento que também chegou estes projetos de agrofloresta, tanto o Agrofloresta como o Flora. Mexeu um pouco no jeito que as pessoas vinham cultivando e organizando seu lote como um todo. Mexeu em alguns aspectos que fez as pessoas refletirem a sua prática, mas ainda ficou muito na questão da produção.”(Mãe de educanda de 4º ano).

É difícil porque, primeiro, é um modelo que vai na contramão do projeto de sociedade. E os assentados vinham de uma experiência de trabalho da lógica capitalista da dependência, do consumo e da ilusão do “agronegócinho”.

Uma mudança carece quebrar paradigma. Pensar a agricultura dentro de uma perspectiva totalmente contrária ao que o camponês já era acostumado praticar.

Os princípios básicos da Agroecologia incluem: a reciclagem de nutrientes e energia; a substituição de insumos externos; a melhoria da matéria orgânica e da atividade biológica do solo; a diversificação das espécies de plantas e dos recursos genéticos dos agrossistemas no tempo e no espaço; a integração de culturas com a pecuária; e a otimização das interações e da produtividade do sistema agrícola como um todo, ao invés de rendimentos isolados obtidos com uma única espécie. A ideia central da Agroecologia é ir além das práticas agrícolas alternativas e desenvolver agroecossistemas

com dependência mínima de agroquímicos e energia externa. A agroecologia é tanto uma ciência quanto um conjunto de práticas. Como ciência baseia-se na aplicação da Ecologia para estudo, o desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis. (ALTIERI, p.16, 2012)

A mudança na lógica de produção é uma ruptura que precisa de conhecimentos e investimentos iniciais. Nem sempre o agricultor consegue tomar esta decisão. Porque quando mexe na economia, gera também uma insegurança, pois dali depende o seu sustento e de sua família.

A Agroecologia requer desenvolvimento de tecnologias e muitos conhecimentos para contrapor toda a situação causada pelo sistema acima dito. É urgente a recomposição das florestas para recuperação dos rios e da água, bem como para a diminuição da poluição e do efeito estufa. A floresta tem esta capacidade incrível de recompor o ambiente natural e proporcionar melhor qualidade de vida a todos os seres vivos.

A agroecologia se fundamenta em um conjunto de conhecimentos e técnicas que se desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação. Por essa razão, enfatiza a capacidade das comunidades locais para experimentar, avaliar e expandir seu poder de inovação por meio da pesquisa de agricultor a agricultor e utilizando ferramentas de extensão baseada em relações mais horizontais entre os atores. (ALTIERI, 2012, p. 16).

Portanto, falar em agroecologia não é somente não usar agrotóxicos ou outros produtos químicos, mas pensar a produção da vida a partir de outros paradigmas: da diminuição do consumo, da produção de alimentos saudáveis, do plantio de florestas nativas e frutíferas, recuperar as variedades de sementes crioulas, cultivar a biodiversidade, fazer a cooperação, enfim construir outras relações entre o ser humano e a natureza.

“Tem muita gente... Que fica reduzido nessa... Acha que a agroecologia é só uma técnica de produção, né... A agroecologia vai muito além da técnica de produção, ela é todo um jeito de organizar a vida no campo, envolve questões como alimentação, cultura, as várias dimensões

da cultura, música, culinária, jeito de organizar a moradia, enfim... A relação entre as pessoas.” (Mãe de educanda de 4º ano).

Depois do processo inicial de transição para a agroecologia, a família vai percebendo as potencialidades. Vai ter diversidade de alimentos para sua família e para vender. O cultivo da sua unidade de produção vai se tornando cada vez menos dependente de insumos de fora. Vai produzir a própria adubação com plantas verdes e palhada. Se tiver pequenos animais poderá fazer a compostagem.

A sustentabilidade e a resiliência são alcançadas em função da diversidade e da complexidade dos sistemas agrícolas, por meio de consórcios, rotações, sistemas agroflorestais, uso de sementes nativas e de raças locais de animais, controle natural de pragas, uso de compostagem e adubação verde e aumento da matéria orgânica do solo, o que melhora a atividade biológica e a capacidade de retenção de água. (ALTIERI, 2012, p. 16)

Hoje podemos dizer que há um processo em consolidação, várias práticas agroecológicas já acontecem, como as mandalas e, mais recentemente, a implementação das unidades agroflorestais, bem como outras práticas com hortas, frutas e alguns grãos. E mesmo assim há um longo trajeto a percorrer. Na fala a seguir, dá pra gente perceber um pouco do que é essa construção, por um lado importante para a permanência e o bem estar da família no campo e por outro, todo o dilema e os limites que se apresentam no dia a dia.

“É interessante assim, porque... Parece assim, a gente sempre brinca... Quem vê de fora assim né, acha que o Assentamento Contestado é tipo um paraíso da agroecologia, quando você olha de fora, porque é claro, a gente também tem um trabalho grande de propagandear as experiências positivas. Mas aí, quando você olha de dentro, a gente entende todos esses limites, todo esse processo que ainda tá em andamento, de todas as dificuldades, o fato de nem todas as famílias estarem inseridas nesse processo assim. Mas eu acho que deve ser um dos assentamentos do

estado e quem sabe, do país, em que esse processo esteja mais avançado, de forma mais homogênea, que consegue abranger um número maior de famílias, mesmo que isso ainda não seja, como posso dizer assim, ainda não é hegemônico, né. Não é um processo hegemônico, as famílias ainda não tem aquela total segurança nesse processo, algumas sim. Algumas já avançaram e já entendem a agroecologia como processo da sua vida.” (Trabalhadora da Cooperativa)

É necessário ainda que continue a organização, a cooperação e a formação para que aconteça o salto de qualidade nos dois processos da educação e agroecologia tanto em nível de escola como de assentamento, que podem em algum momento ser intrínsecos.

Várias falas dos entrevistados apontam para este processo que ainda falta, de haver mais espaços e momentos de formação tanto para os agricultores ou para as crianças e jovens no espaço da escola vinculado com a prática e com o trabalho. Os avanços só acontecem quando há prática, reflexão e uma nova prática a partir da reflexão de novos conhecimentos – a práxis.

“Falta ainda um processo de formação pra que as pessoas possam ir cada vez mais refletindo sobre o que estão fazendo, o modo que estão fazendo e a gente avançar mais ainda...Mas eu acredito que a gente ainda tem muito a melhorar, a construir aqui neste espaço”.(Mãe de educanda de 4º ano)

“Eu tenho quase que certeza, assim, que falta teoria. Porque, assim, por mais que eu acho que essa teoria falta, não é que ela falte, ela só vai reafirmar o que as pessoas já vem fazendo... Pra avançar, até as vezes nas contradições, de quando uma pessoa fala assim: ‘Não, eu planto orgânico, sabe, ainda não faço agroecologia’ ”.(Educanda da Licenciatura).

“A escola vai aprofundar conhecimento. Se eu aprofundo conhecimento, eu vou na origem da

produção, se eu vou na origem da produção, da ciência, da química, da física, eu vou entender o processo da natureza com mais capacidade. Se eu entender e aprofundar, mais capacidade eu vou ter para entender a agroecologia, se eu entender a agroecologia ligada a outros debates da história, geografia, da filosofia, eu vou entender o que o Movimento está dizendo”.(Coordenadora Pedagógica).

“A agroecologia é justamente um sistema , se você for olhar na questão da produção, demanda muita mão de obra, então, pra você fazer um projeto de oito mil reais, se você não tiver uma estrutura que ... Capacite a produção dentro de uma unidade do nosso Assentamento, devido aos solos degradados, solo ácido, uso de lona, e a irrigação, **não avança**”. (Educando da Licenciatura).

Se for pensar, ou analisar o que já acontece na escola, que se vincula a prática, podemos dizer que experimentamos a auto-organização dos educandos onde se envolvem em várias dimensões da escola.

Essa auto-organização se dá através dos núcleos setoriais que são: Saúde e Bem Estar, Comunicação, Agrícola e Embelezamento, Finanças, Apoio ao Ensino e Memória.

Para que as crianças e jovens se envolvam nestas atividades, a escola se organiza em tempos educativos. Diariamente temos o tempo formatura para informes, música ou cantar um hino coordenado pelas crianças, tempo aula e o tempo leitura.

Uma vez na semana acontece o tempo para organização, planejamento e realização das atividades práticas dos núcleos setoriais também coordenados pelas crianças e jovens. No dia a dia cumprem tarefas pontuais dos núcleos como: bater o sinal para início da aula, recreio, saída e outros tempos.

Os maiores ajudam os pequenos na hora do lanche. Colocam informação no mural e fazem o registro através de fotos e escrita dos acontecimentos na escola.

Cuidam e discutem o ambiente do entorno da escola, da cultura, da saúde, da memória, da gestão financeira e dos momentos pedagógicos pelos núcleos setoriais. Este trabalho, como exposto no exemplo abaixo, faz com que os educandos estejam mais atentos à sua escola.

Trabalho Socialmente necessário – Na base da vida escolar deve estar o trabalho produtivo, não como um meio de pagar as despesas de manutenção das crianças, e não apenas como um método de ensino, mas precisamente como trabalho produtivo socialmente necessário. Ele deve estar ligado orgânica e estreitamente com o ensino, que iluminam com a luz dos conhecimentos toda a vida ao seu redor. Tornando-se cada vez mais complexo e indo além dos limites da situação imediata da vida infantil, o trabalho produtivo deve familiarizar os estudantes com as mais diversas formas de produção até as mais elevadas (SHULGIN, 2012, p.72).

Cobram da escola e dos educadores quando não estamos cumprindo com o planejado junto deles, nos questionam quando acham que estamos desviando o foco.

Quanto mais exemplos se tomam da vida da **comunidade**, da experiência da criança, maiores são as exigências dos estudantes para com a escola. E não permitirão que a escola pare no meio do caminho, já que para eles é importante prosseguir não apenas porque parar é prejudicial, mas porque isso dá maior rendimento nas suas atividades, produz mais. Surge outra questão: como conseguir isso na realidade, como introduzir isso na prática da vida. Isso aparece como uma série de tentativas isoladas, independentes, é claro, sem qualquer plano e conexão. Como uma série de novos pedidos ao professor. O professor vê que o assunto tocou um nervo exposto, interessou aos meninos, e ele diz: “vai em frente”. Na prática, é esse o trabalho socialmente necessário da escola. (SHULGIN, 2012, p. 76).

Geralmente, nós os educadores, não gostamos muito de “dar” essa liberdade ao educando, tornar a escola de todos. Porque com certeza vamos ter que discutir problemas, enfrentar críticas ou avaliações daquilo que planejamos e não cumprimos ou até mesmo conhecer mais sobre esta realidade em questão.

“Com essa vinda de muito professor de fora, me parece que dá uma impressão assim que tem muito professor que não faz nem ideia do que é a agricultura, quem dirá a agroecologia.”  
(Trabalhador da Cooperativa).

Percebemos que nossos educandos questionam bastante. Para os educadores do próprio assentamento isso já é natural, porque participamos desta vivência e deste jeito de se organizar que é do próprio Movimento.

Para os educadores que vem de fora, que já dão aulas por um tempo maior em outros lugares, aparecem tensões envolvendo educador e educando ou até mesmo com os demais funcionários.

Os temas são variados como: atitudes machistas, igualdade, direito, compromisso com o trabalho, combinados e planejamento coletivo, matriz tecnológica, etc.

Dois fatos ou exemplos ilustram o que disse acima. Numa tarde na escola os educadores se organizaram e trouxeram ingredientes para fazer um bolo de chocolate para o lanche deles, que na escola é organizada a compra pelos próprios educadores.

O educando questionou: “para os educadores teve bolo e fizeram usando o nosso gás”. Os educadores ficaram bravos, dizendo: “é isso que dá terem toda essa liberdade”. Porém, houve várias conversas informais e decidiram então pedir para que os educandos também trouxessem os ingredientes e a merendeira fez então bolo para todos.

Outro fato, sobre a avaliação, que algumas vezes no ano acontece de forma que todos se avaliem (educandos, educadores e funcionários). Ao sair deste processo o educador diz: “Eu não concordo, onde já se viu, eu estudei, sou adulto e esse... Vem me avaliar, falar sobre as minhas aulas”.

É por isso que só a escola que se encrava na vida social da aldeia, ajuda a reconstruí-la não em palavras, mas em atos, considera os interesses vitais dos estudantes, realiza o seu trabalho em conexão com eles (SHULGIN, 2012, p. 44)

Em relação à agroecologia, há um início de trabalho. Na sala de aula, quando planejamos os temas que vinculam a vida do assentamento como: a História do Assentamento, a Guerra do Contestado, a luta e a participação, o embelezamento e a própria agroecologia, que vão se tornando conhecimento na sala de aula.

Há um trabalho prático através dos núcleos setoriais, ainda muito pequeno, como a implementação do jardim agroflorestal, a agrofloresta, a horta, o plantio de árvores e a preocupação com o lixo.

“Ano passado a gente teve o exemplo da construção do jardim agroflorestal, que a comunidade veio pra escola, mas que não deu sequência né, então agora tá praticamente abandonado. A gente não sabe quais os passos, né, esse trabalho assim mais direto com a produção mesmo, como que procederia com esse jardim agroflorestal, como que poderia usar isso na casa, né, fazer, implementar essa proposta que foi feita na escola nas suas casas. A questão da agrofloresta também, o pessoal veio e fez um início de agrofloresta junto com as crianças, mas não consegue dar andamento né, não consegue ter aquela sequência de vim refletir, oh! Aqui tá acontecendo isso, qual o processo, o que é que tem que seguir, o que é que tem que fazer. Então acho que enquanto assentamento a gente tá deixando a desejar nesse sentido assim, que a escola tá aberta pra isso, mas que as vezes a comunidade, não sei se não tem tempo, não tá conseguindo se organizar, ou se a escola não tá sabendo chamar as pessoas pra vim contribuir.”(Diretora da Escola)

Há uma vontade, ou seja, um entendimento, tanto da parte da escola, do setor de educação do movimento, da cooperativa e de grande parte do assentamento, da organização, de que a escola precisa ser “viva”, estar em sintonia, trabalhar os conhecimentos que ajudem a comunidade a avançar. Como podemos perceber na fala da educanda de Licenciatura: “Não tem como falar de agroecologia

se a gente não aprender a partir da nossa realidade”. E dos demais entrevistados que representam as Escolas, a Cooperativa e o Assentamento.

“A dimensão do trabalho, porque quando eu retomo o trabalho como formador humano e numa outra vertente. Conhecimento e trabalho, eles não se separam. Conhecimento pelo e para o trabalho tem que estar nesta escola. E daí eu estou colocando a questão do trabalho numa outra perspectiva, e daí ela também novamente vai gerar conflito”. (Coordenadora Pedagógica)

“Integrar mais o trabalho dos núcleos, trabalhos práticos são muito importantes. Quando as crianças estão em grupo elas acabam experimentando um monte de coisas que elas não experimentam em casa, às vezes a criança não come muito bem em casa e na escola ela acaba comendo melhor, provando coisas porque está ali no grupo e tal, então acho que isso é uma coisa que ajudaria muito nesta coisa da agroecologia, e tudo. Aproveitar melhor também, de repente ingredientes que eles trazem de casa, provar coisas novas, talvez nem precise ser do lanche oficial”.(Mãe de educanda de 4º ano)

“Só que a gente sente, assim, principalmente na questão da formação dos professores, da própria organização da escola, que as vezes a gente tem dificuldade de trabalhar as questões da agroecologia e que o assentamento, ele tem um acúmulo muito grande nesse sentido do conhecimento da agroecologia, mas que acaba não conseguindo vim contribuir na escola, com a formação das crianças”. (Diretora da Escola)

“Tudo parece que funciona junto assim, mas ao mesmo tempo, a gente sabe que as práticas não são tão, né, do mesmo jeito que acho que a

cooperativa deveria, por exemplo né, falando da cooperativa, se abrir mais para, digamos, um campo de experimentação dos alunos, de aprendizagem, a gente tem a estrutura ali da agroindústria que é uma estrutura que poderia ser destinada a discutir a questão dos alimentos, da qualidade dos alimentos, da própria questão do processamento. E tem todas as áreas de produção, né. Que se pode estudar tudo, né. E se pode estudar tudo das áreas da educação básica né, que as crianças tão inseridas, né. Então você pode discutir a Matemática, vai discutir a Ciência, vai discutir a Geografia, né, você pode discutir tudo, se for pensar assim numa área de produção, porque tem a questão do solo, tem a questão da produção, dos alimentos, tem a questão da Biologia das plantas, da Química do solo, da Física, da localização. Então parece que é o campo de aprendizagem perfeito”.(Trabalhadora da Cooperativa)

Acredito que nosso grande desafio para dar um salto de qualidade nessa relação agroecologia e educação, está na capacidade de integrar os vários sujeitos que trabalham com a agroecologia e demais temas relacionados, como a saúde e outros. Os profissionais e o conhecimento empírico que permeiam nossa vida no Assentamento, levando em conta a prática.

“Falta esse tempo de a gente se reunir e pensar né, ações no sentido da implementação da agroecologia, da transmissão do conhecimento a partir da agroecologia.” (Diretora da Escola).

Um aspecto que dificulta é o tempo escolar e o tempo da vida nos outros espaços do assentamento. A escola está fechada na sua estrutura das quatro horas, das disciplinas, dos dias letivos e das exigências burocráticas. Não consegue ter um bom tempo para estudar, conhecer e planejar ações de forma mais coletiva.

“Aqui no assentamento você tem uma gama de profissionais em diversas áreas e muito trabalho

se for ver na própria área da agroecologia.”  
(Trabalhadora da Cooperativa)

Os assentados, por outro lado, precisam produzir sua existência conforme o tempo e as condições da natureza.

A cooperativa, na busca da discussão e implementação da agroecologia, viabilização do processamento da produção e comercialização da produção.

Ainda há a organização política dos núcleos e setores do movimento, também com a demanda de correr atrás dos direitos ainda não garantidos, permanentemente.

Integrar é essencial e precisa também ser intencional, no entanto, me parece que não está colocado isso de forma individual, de somente chamar as pessoas do assentamento para contribuir na escola ou vice versa.

Mas construir um planejamento estratégico em conjunto com os vários sujeitos, inclusive discutindo a importância deste trabalho para consolidar desde já uma capacidade de conhecimentos em torno da agroecologia que vai superando, os próprios limites e desafios atuais que se apresentam desde a produção até outras dimensões da vida que também integram esta concepção.

A escola ajuda e pode ajudar o agricultor a organizar a contabilidade... Ela pode e deve ajudar o camponês a aprender a conduzir um registro sistemático, pelo menos na forma mais simples, mais elementar. Ela deve realizá-lo e transmitir os resultados de forma clara aos camponeses (...) A escola deve combinar este trabalho social com o agrônomo, o médico, as cooperativas, envolvendo-os na solução desta ou daquela questão, ajudando-os a resolver este ou aquele problema particular... Isso pode ser ainda mais fácil quanto mais próxima esteja a escola e o professor do trabalho social (SHULGIN, 2012, p. 60:66).

Porque isso é necessário? Porque cada indivíduo está vinculado a uma organização coletiva, como por exemplo: Não adianta querer que o técnico da cooperativa venha na escola, porque a cooperativa não colocou na sua ordem de trabalho a escola e aí o indivíduo não consegue fazer este trabalho com qualidade. Até faz, mas acha brechas do seu tempo para contribuir com a escola, ou não vem.

Assim acontece também com a família, ela se organiza, ou precisa produzir para entregar para a cooperativa ou outro comercializar e assim por diante.

Não é um processo fácil de construir, também não vai ter a adesão de todos. Mas é necessário para que aja o avanço.

Na escola também precisamos pensar como romper com esta estrutura fechada e cheia “armadilhas”, que não deixa espaço para que planejemos mais coletivamente, para que não tenhamos que ficar preenchendo tantos papéis repetidos, para que o conhecimento não seja tão fragmentado.

No Movimento, temos um acúmulo de conhecimentos em torno dos complexos de estudo, no qual prezamos pelas matrizes formativas como o trabalho, a luta social, a organização coletiva, a cultura e a história.

Um complexo de estudo representa uma ‘complexidade’ cujo entendimento a ser desvendado pelo estudante ativa sua curiosidade e faz uso dos conceitos, categorias e procedimentos das várias ciências e artes que são objeto de ensino em uma determinada série. O complexo tem uma prática social real embutida em sua definição. Ele é mais que um tema ou um eixo e não se resume à idealização de uma prática que apenas anuncia a aplicabilidade longínqua de uma aprendizagem. É o palco de uma exercitação teórico-prática que exige dos estudantes bases conceituais... (SAPELLI, 2013)

Envolve aquilo que citava antes, dos tempos educativos, a auto-organização dos educandos e também a elaboração do inventário, levantamento dos dados e conhecimentos da realidade, definição de porções da realidade (como se fossem temas/problemas) e então os conteúdos se vinculam, relacionam-se a estes temas. (Freitas, 2013).

Em nossa discussão, isso é um passo onde teríamos condições de romper com a fragmentação do estudo por disciplinas. Ainda, a capacidade de estudar a partir da realidade, fazer pesquisa, experiências e transformar a realidade através do trabalho como formador humano.

Novamente, o desafio da estrutura e do tempo. Para realizar o trabalho, é necessário planejar coletivamente, estudar, fazer pesquisa, dialogar entre as

disciplinas, colocar o educador e o educando como sujeito da aprendizagem e envolver sujeitos da realidade que tem o conhecimento empírico.

“Se nós conseguíssemos superar essa outra questão que eu falei, de vim mais a comunidade talvez pra escola, a gente poderia aproveitar esses momentos pra também juntar os educadores e eles também ir entendendo toda essa proposta de agroecologia né.” (Diretora da Escola)

O educador, ao preparar as aulas, precisa do tempo para a pesquisa teórica e da realidade e seu tempo para preparar aulas é mínimo. Há tempo de preparar apenas suas aulas, sem aprofundar com as pesquisas necessárias.

Situando os processos educativos nessa amplitude, a escola rural não é abandonada, antes é reposta em uma função social e cultural bem mais rica do que o reducionismo com que sempre foi tratada. (...) A relação das escolas do campo com a agroecologia é hoje necessária e possível, e em todas as escolas cada qual em suas circunstâncias. Ela já está sendo construída, mas não está dada e nem é simples. É uma relação que se coloca no bojo de um projeto de transformação da agricultura, assim como da educação e da escola, a favor dos interesses sociais e humanos da maioria das pessoas, da humanidade. (CALDART, 2016, p. 1:18)

Ainda que não seja um processo completamente transformado e consolidado de mudança na estrutura escolar, com o planejamento estratégico que precisamos intencionalmente debater e construir em torno da agroecologia e do papel que a escola pode desempenhar; acredito que precisamos dar continuidade a construção que já acumulamos até aqui.

Potencializar a auto-organização dos educandos, os tempos educativos, realizar práticas, visitar as famílias, construir experiências na escola, que vão contribuindo no aprofundamento no nível de conhecimento dos educandos e dos próprios educadores em relação agroecologia.

Construir de forma mais sólida e intencional a relação de vivências e práticas junto aos educandos dos cursos de Tecnologia em Agroecologia e Licenciatura em

Educação do Campo com Ênfase em Agroecologia da Escola Latino Americana de Agroecologia.

Fazer com que a escola a cada dia se torne mais próxima à vivência dos educandos, trabalhando os conteúdos com sentido real para sua existência e exercitando a pesquisa e a experimentação.

Planejar junto a Cooperativa Terra Livre o trabalho vinculado à cooperativa sobre a agroecologia, processamento de alimentos, alimentação saudável e também o trabalho com as agroflorestas. Trazendo o debate dos conteúdos em sala de aula e realizando práticas no entorno da escola e outros.

Valorizar e conhecer o que já construímos para pensar os próximos passos tem que ser o nosso compromisso.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ª edição, Expressão Popular, São Paulo, 2012.

ARROYO, Miguel G. **Pedagogias em Movimento – O que temos a aprender dos Movimentos Sociais**. Currículo Sem Fronteiras, V.3, n.1 pp.28-49, jan/jun 2003, UFMG, Belo Horizonte.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 4ª edição, Expressão Popular, São Paulo, 2012.

CALDART, Roseli S. **Dicionário da Educação do Campo**. 2ª Ed. Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli S. **Escolas do Campo e Agroecologia: uma agenda de trabalho com a vida e pela vida!** 2016.

FREITAS, Luis Carlos de. **Plano de Estudos**. 1ª Ed. Paraná, 2013.

MÉSZAROS, István. **A Educação para Além do Capital**. Boitempo, São Paulo 2005.

MST, **Cartilha de Estudos Organicidade e Planejamento**. Editora Gráfica Popular, 2004.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert. **Caminhos para a transformação da escola 3.** 1ª Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2013.

SHULGIN, Viktor N. **Rumo ao Politecnismo.** 1ª edição, Expressão Popular, SP, 2013.